

## Gênero e dor de cotovelo

### Melodia e Sintonia em Lupiscínio Rodrigues - o feminino e o masculino e suas relações.

MATOS, Maria Izilda S. de e FARIA, Fernando A. de.

Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

### Dolores Duran - experiências boêmias em Copacabana nos anos 50.

MATOS, Maria Izilda S. de.

Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

Um compositor do sul do País que, vivendo longe dos grandes centros privilegiados pela mídia - na época apenas jornalística e radiofônica -, ainda assim faz enorme sucesso nos anos 40 e 50, tendo suas músicas gravadas por cantores favoritos do grande público.

Uma compositora carioca, que desponta na década de 50, fazendo-se ouvir para além das boates de Copacabana, onde atua como *crooner*, cantando em várias línguas e conseguindo parcerias nobres como a de Tom Jobim.

Um homem da noite, presença habitual em bares e cabarés de Porto Alegre, estereótipo perfeito do boêmio ("um amoroso, um poeta, um companheiro da lua", no dizer do próprio Lupiscínio) que nas cordas do violão seresteiro embala e suaviza os segredos do baixo mundo, onde imperam o álcool, as drogas, o jogo, a prostituição. Mundo que só admite mulheres se forem profissionais do sexo e/ou empregadas de casas noturnas, a quem estes mesmos segredos não chocam nem ofendem porque são parte deles.

Uma mulher cuja estrela começa a brilhar neste mesmo mundo, transplantado para a noite carioca do Rio de Janeiro, onde os vícios e comércios similares vicejam em embalagens mais charmosas (as boates), degustados e usufruídos por um tipo diferente de freqüentadores - uma classe média que começa a se modernizar empurrando, ainda que discretamente, para baixo do tapete de um moralismo considerado *demodé* tabus como a virgindade, a monogamia, e os valores que dividiam as mulheres em "moças de família" e "garotas de programa".

Ele, um homem de seu tempo, preso a convenções sexistas que definem rigidamente espaços distintos para homens e mulheres. Ela, uma mulher de um tempo que começa a se anunciar, no qual as barreiras entre um espaço e outro, balanceadas pelos efeitos das guerras mundiais, ameaçam já um deslizamento que se vai tornar efetivo a partir dos anos 60.

Lupiscínio Rodrigues e Dolores Duran, um homem e uma mulher, quase contemporâneos, habitantes de mundos similares, têm muita coisa em comum. Ambos encharcam suas canções, sem vergonha ou preconceito, nas histórias de amor infeliz, na amargura da solidão, na paixão mal sucedida e rejeitada. O ciúme, a incerteza que desgraça, o temor da perda inevitável são seus temas prediletos.

A dor de cotovelo - expressão cunhada a partir da extensa obra de Lupiscínio Rodrigues, construída ao longo de mais de 40 anos e desdobrada em mais de 200 composições - encontra sua tradução ideal para o feminino no discurso musical de Dolores Duran, que compôs apenas pouco mais de 20 canções, em sua curta existência - morreu aos 29 anos.

É revido as obras desses dois compositores que se pode perceber como homens e mulheres falam da mesma coisa, sofrem dores semelhantes, mas falam de modos completamente diferentes, porque sentem de maneira desigual.

Lupiscínio Rodrigues e Dolores Duran têm suas obras dissecadas por Maria Izilda S. de Matos

e por Fernando Faria, no caso de Lupiscínio, professores universitários que escolhem a música popular brasileira como campo de trabalho para a compreensão dos mecanismos sociais próprios de uma época. Com muito êxito, recorram o universo geográfico e o contexto histórico e cultural onde se desenvolvem esses dois discursos musicais que passaram a integrar para sempre qualquer antologia de música popular brasileira.

Tratados em livros separados, os pontos de contato ou de comparação que a autora procura estabelecer entre as duas obras são apenas impressionistas, mas suficientes para revelar o fecundo campo de estudo dos comportamentos femininos e masculinos que as duas obras podem oferecer.

Maria Izilda prefere tomar, como contraponto à obra de Dolores, a trajetória jornalística e literária de Antônio Maria, também inspirado letrista bissexto (As Tuas Mãos, Canção da Volta, Rosa Amarela e outras), que conviveu com Dolores, nas mesmas noites de Copacabana e que, como ela, morreu precocemente, também fulminado pelo coração.

Embora o resultado dessa montagem quase fotográfica de Dolores x Antônio Maria enriqueça evidentemente a análise desejada pela autora - e desejável de todos os pontos de vista - do contexto cultural que permite a emergência de uma artista do quilate de Dolores (primeira voz na MPB a cantar de um lugar verdadeiramente feminino), a leitura simultânea dos dois livros, onde aparecem reproduzidas as melhores composições de cada um, vai trazer à luz a inevitável proximidade entre suas temáticas - as dores de cotovelo, de alma, de coração. Traz, ao mesmo tempo, a diferença marcante na expressão dessas temáticas, tratadas a partir do ponto de vista de um homem e do ponto de vista de uma mulher.

Exemplos superficiais, tirados das composições mais conhecidas dos dois compositores, são suficientes para colocar em relevo a semelhança de abordagem que os dois fazem de um mesmo assunto e a dissonância na tonalidade que cada um imprime a essas mesmas abordagens.

Se em Lupiscínio o amor traído desperta a ira e o desejo de vingança - "Você há de rolar como as pedras que rolam na estrada, sem ter nunca um cantinho de seu prá poder descansar..." (Vingança), ou ainda:

..."Eu só sei é que quando a vejo, me dá um desejo de morte ou de dor" (Nervos de Aço), em Dolores os sentimentos provocados pelo abandono se manifestam bem mais suavemente:

"...Ah, você está vendo só do jeito que eu fiquei

E que tudo ficou  
Uma tristeza tão grande nas coisas mais simples

Que você tocou" (Por Causa de Você)

Ou então:

"...Não me culpe, se eu ficar meio sem graça

Toda vez que você passar por mim  
Não me culpe se meus olhos te seguirem  
Mesmo quando você nem olhar prá mim."  
(Não Me Culpe)

Como bem diz Maria Izilda, "tanto na entrega como na recusa do amor, o que lastreia o comportamento afetivo, a lembrança do abandono, do fracasso, são as feridas, uma dor transfigurada que afirma o amor, capturado em arte".

Diante de um amor que volta, do mesmo jeito as reações são diversas. O perdão de Lupiscínio Rodrigues, em Cadeira Vazia, condiciona uma humilhação:

"Não te darei carinho nem afeto  
Mas para te abrigar podes ocupar meu feto

Para te alimentar, podes comer meu pão."

O de Dolores, ao contrário, vai além da generosidade, é quase um pedido de desculpas:

"Entre meu bem, feche a porta,  
Não deixe o mundo mal te levar outra vez  
Me abraçe simplesmente, não fale, não lembre,

Não chore meu bem." (Por Causa de Você)

Ambos lamentam a convivência infeliz e dão soluções diferentes para ela:

"Dez anos estás a meu lado  
Dez anos vivemos brigando  
Mas quando eu chego cansado  
Teus braços estão me esperando  
Este é o exemplo que damos  
Aos jovens recém-namorados  
Que é melhor brigar juntos  
Do que chorar separados." (Exemplo - Lupiscínio Rodrigues)

Para Dolores, o fim de caso tem outro caminho:

"Embora juntos cada um tem seu caminho  
E já não temos nem vontade de brigar  
Tenho pensado, e Deus permita que eu esteja errada

Ah! Mas eu estou, eu estou desconfiada  
Que o nosso caso está na hora de acabar.” (Fim de Caso)

Estes extratos singelos de canções conhecidas, cantaroladas como fundo musical em todas as tragédias passionais cotidianas, revelam sentimentos, emoções, reações diferentes em homens e mulheres. Em um tempo histórico quase simultâneo, quando agonizavam os privilégios do machismo e quando se insinuavam apenas os primeiros sinais de uma maior afirmação das mulheres. Quando os movimentos sociais e a revolução sexual ainda não tinham inventado o “politicamente correto” e quando as paixões não tinham vergonha de seus desatinos.

Maria Izilda e Fernando Faria “atiraram no que viram e acertaram o que não viram”.

A leitura simultânea de seus livros, a com-

paração entre as obras de Lupiscínio Rodrigues e Dolores Duram há de ajudar a deslindar a intrincada trama de conflitos entre razões e sensibilidades, entre pragmatismos e subjetividades, entre coerências e contradições que se agudizaram em homens e mulheres, alterando seus comportamentos próprios e as relações entre uns e outros a partir de 1960. Um mergulho sem preconceitos nas obras de Lupiscínio Rodrigues e Dolores Duran só pode fazer muito bem a todos os que vivem as perplexidades do final deste século XX, que se despede insolente e insolvente. Para os homens e para as mulheres, que nele aprenderam a conviver usando novos códigos, mais verdadeiros, mais éticos, mais corajosos, mas igualmente difíceis de decifrar.

MARISKA RIBEIRO ■